

VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: ACOLHIMENTO PARA VENCER O MEDO

PROGRAMAS E INICIATIVAS
APOIADAS PELA IGREJA
FORMAM REDE DE APOIO
PARA MULHERES

◆ Cintia Lopes ◆

Muitas vezes, o agressor está dentro da própria casa. Os casos de violência doméstica contra mulheres cresceram em 2020 e o Brasil ocupa a quinta posição no *ranking* de países com o maior número de registros de crimes contra as mulheres. O feminicídio é o assassinato de uma mulher pelo fato de a vítima ser do sexo feminino. Motivos torpes que vão de ódio, desprezo, ciúme doentio até sentimento de perda do controle e da propriedade sobre as mulheres são os principais fatores que acompanham as mortes numa estatística que aponta que quatro mulheres são assassinadas por dia no país. É o que revela o 15º Anuário Brasileiro de Segurança Pública. Os números realmente impressionam.

Mesmo com a Lei Maria da Penha em vigor desde 2006, que ampara vítimas e pune agressores, muitas mulheres relatam medo e vergonha da exposição, além da dependência financeira do companheiro e falta de confiança na justiça para fazer uma denúncia.

Optam por não procurar ajuda. Esses dados integram o levantamento da segunda edição do JUSBarômetroSP, o Barômetro da Justiça de São Paulo – Violência contra a Mulher, realizado pelo Instituto de Pesquisas Sociais, Políticas e Econômicas (Ipespe) em agosto deste ano. Foram entrevistadas mil mulheres com idades acima de 18 anos em todo o Estado de São Paulo.

Para acolher, dar suporte e orientação às mulheres existem diversas rede de apoio que contam com a adesão da Igreja. Uma delas é a Pastoral da Mulher Marginalizada (PMM), que atua em diversos Estados, entre eles São Paulo, Rio de Janeiro, Mato Grosso, Bahia, Maranhão, Sergipe, Paraíba, Rio Grande do Sul e Rondônia. Ligada as pastorais sociais, a Pastoral da Mulher Marginalizada busca ser presença solidária e profética junto à mulher em situação de prostituição. A pastoral também atua no combate ao abuso e à exploração sexual e/ou comercial de crianças e adolescentes e no tráfico de mulheres para fins de exploração sexual. Dentre as atividades desenvolvidas pelas equipes da Pastoral da Mulher Marginalizada, uma delas é a roda de conversa com as mulheres assistidas e acompanhadas pela pastoral. Segundo Fabrícia Paes, coordenadora nacional dessa pastoral, a violência contra a mulher é uma temática recorrente. Com o auxílio das agentes de pastoral, assistentes sociais, psicólogas, pedagogas e advogadas, todas voluntárias, há um amplo trabalho de conscientização e enfrentamento. “Proporcionamos espaços de conscientização, visibilidade e ampliação dos dispositivos legais existentes. Falar de combate à violência contra a mulher é refletir sobre a violência de gênero, manifestada pela distribuição historicamente desigual de poder nas relações sociais entre homem e mulher, de uma violência transformada

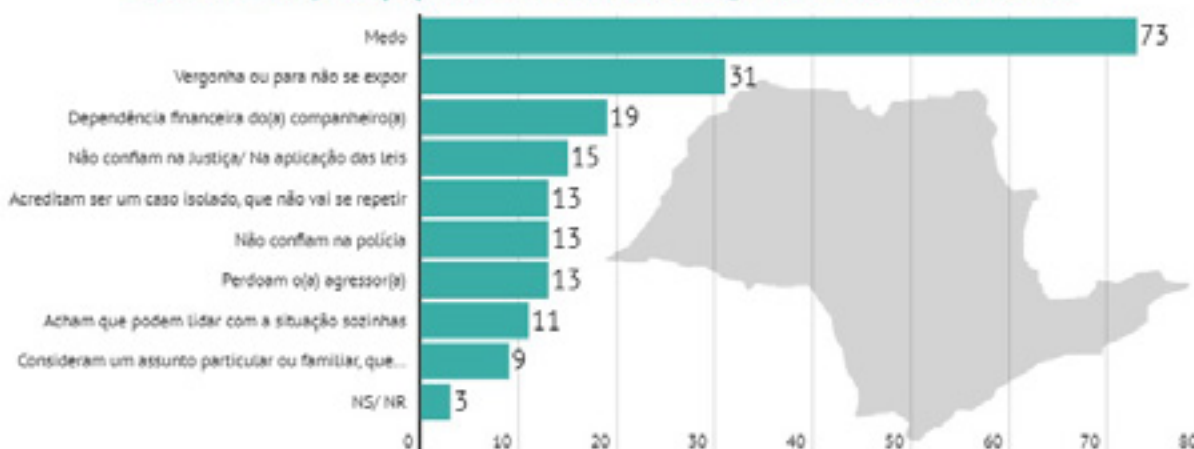


Fonte: 15º Anuário Brasileiro de Segurança Pública.
Arte: site Instituto Patrícia Galvão.

em instrumento social de imposição à mulher a um papel social de submissão, obediência e opressão”, exemplifica.

Devido à pandemia, as atividades presenciais sofreram adequações. Porém, todas as equipes colocaram em prática os encontros virtuais por meio de palestras, oficinas e seminários com lives pelo canal da instituição no *YouTube* e reuniões por aplicativos. “Agora, com o avanço da vacinação, as equipes estão retomando as atividades presenciais, respeitando todos os protocolos e realizando encontros quinzenalmente”, explica a coordenadora nacional. Estima-se que já foram atendidas aproximadamente 600 mulheres desde o início do projeto. De acordo com Fabrícia, a pandemia evidenciou a necessidade permanente de ouvir e acolher as mulheres dentro de um processo humanizado. “Infelizmente estão presentes todos os tipos de violência. Desde agressão

Total de menções (%) das entrevistadas, segundo o Jusbarômetro SP



Fonte: JUSBarômetroSP – Violência contra a Mulher, segunda edição (Apamagis, Ipespe, 2021).



Imagem: Divulgação/WEB

Coletivo de Mulheres da Rede Jubileu Sul Brasil em ação.

Municipal de Belo Horizonte (MG), cidade que há cinco anos abriga o projeto “Maria, Maria”, acolhendo mulheres vítimas de violência e moradoras de rua, como explica Valquíria Lima, da Coordenação Colegiada Nacional da Cáritas Brasileira: “Toda a nossa atenção está voltada para combater a violência. Nós também lutamos muito pelo reconhecimento da mulher na família, na comunidade, na sociedade, na política e também na Igreja. Entendemos também que é importante dar visibilidade e fortalecer a atuação da mulher em todas as áreas”, frisa. Nos programas de acolhimento às vítimas, os relatos de violência moral e física são frequentes. “Reconhecer os diversos tipos de violência e romper com esse ciclo não é um processo fácil. Precisa haver muito acolhimento, proteção e orientação, que é o que a gente tenta fazer em todas as nossas áreas de atuação”, explica Valquíria. A Cáritas está sempre buscando acolher e proteger as vítimas, além de intensificar o trabalho de conscientização nas comunidades para denunciar as situações de violência: “Somos uma organização que volta o olhar para os mais vulneráveis da sociedade e dentre eles com toda certeza estão as mulheres”, reforça. ●



Imagem: Divulgação/WEB

Valquíria Lima - Coordenadora Nacional da Cáritas Brasileira.

CANAIS PARA DENÚNCIAS DE VIOLÊNCIA E ACOLHIMENTO À MULHER. SAIBA ONDE PROCURAR AJUDA E OBTER MAIS INFORMAÇÕES:

- **Central de Atendimento à Mulher:** ligação gratuita para o número 180. A denúncia pode ser feita de forma anônima e é encaminhada aos órgãos competentes. Funciona 24 horas por dia e em todos os dias da semana;
- **Emergência:** ligação gratuita para o número 190. Uma viatura é enviada imediatamente ao local para o atendimento. Disponível 24 horas por dia, todos os dias;
- **Delegacia de Atendimento à Mulher (DEAM):** unidades especializadas da Polícia Civil para atendimento às mulheres em situação de violência. É possível localizar a unidade mais próxima com uma busca pela internet por meio do endereço-base;
- **Pastoral da Mulher Marginalizada (PMM):** pelo WhatsApp do Secretariado Nacional (11) 94599-6811, pelas redes sociais (Facebook e Instagram), ou pelo site www.pmm.org.br;
- **República Maria, Maria:** instituição de acolhimento em Belo Horizonte. Telefone (31) 3277-4212. Atendimento de segunda a sexta-feira, das 8 às 18 horas;
- **Coletivo de Mulheres da Rede Jubileu Sul Brasil:** contato pelo e-mail secretaria@jubileusul.org.br.